



TRANÇA AFRO

A cultura do cabelo subalterno

Universidade de São Paulo - USP
Escola de Comunicações e Artes – ECA
Centro de Estudos Latino Americano sobre Cultura e Comunicação – CELACC
Curso de Especialização em *Gestão de Projetos Culturais e Organização de*
Eventos

ALINE FERRAZ CLEMENTE

TRANÇA AFRO – A CULTURA DO CABELO SUBALTERNO

SÃO PAULO 30/11/2010

ALINE FERRAZ CLEMENTE

TRANÇA AFRO – A CULTURA DO CABELO SUBALTERNO

Artigo apresentado ao curso de Projetos Cultural e Organização de Eventos como requisito ao desenvolvimento da Monografia.

Orientador: Prof^º Denis de Oliveira

SÃO PAULO 19/11/2010

SUMÁRIO

1. CABELO MEMÓRIA.....	05
2. CABELO DE ONTEM.....	08
3. A TRANÇA: PENTEADO FUNDAMENTAL NA IDENTIDADE DA CRIANÇA NEGRA	09
4. O PAPEL DA TRANÇADEIRA.....	12
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	13
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	15

TRANÇA AFRO. A cultura do cabelo subalterno.

Aline Ferraz Clemente

RESUMO

O artigo discute as questões ligadas ao cabelo afro e seu penteado mais tradicional, a trança. Aborda o cabelo como identidade, cultura e resistência da população negra. Para tal, apresenta a relação do negro com o seu cabelo. Percorrendo um caminho de ancestralidade até os dias contemporâneos, e dos dias contemporâneos até a ancestralidade. Revelando no tema a circularidade africana.

Palavras chaves: cabelo, memória, cultura, resistência.

ABSTRACT

This article discusses the questions related to the Afro Brazilian Hair and, your traditional hair style: braids. Analysing the hair as identity, culture and resistance of the afro brazilian population. For that, the text introduces the relationship of the population with the hair. Following an those contemporary days, and those contemporary days until. Revealing the circularity in the African theme

Keywords: hair, memory, culture, resistance

RESUMEN

El artículo discute las quiestones ligadas al cabello afro y seus penteados mas tradicionales: la trance. Describe el cabello como la identidad, la cultura y la resistência de la polación negro. Para tal, apresienta la relación, desta populacion com seu cabelos. Percorriendo um camiño del la ancestralidad nonste los dias contemporañs, y de los dias contemporañs hasta la ancestralidad. Relevando el tema a crcularidad africana.

Palabras clave: cabello, identidad, cultura, resistencia

1. INTRODUÇÃO: O cabelo memória

A metodologia do trabalho se deu através de leitura dos textos proposto em aulas, observação participante em salão de cabeleireiros especializados em cabelos afros, entrevista com negros com idade de 09 a 30 anos, que trançam os cabelos e também com uma parcela que não são adeptas destes penteados. As pesquisas utilizadas foram semi-estruturadas, livres e fechadas.

O cabelo faz parte do perfil estético que compreende a identidade negra. Cada indivíduo tem uma relação muito particular com o seu cabelo, esta relação é única, e se dá, através das suas experiências vividas desde a infância até a sua vida adulta.

Na África os penteados sempre foram carregados de grande simbologia. Os penteados indicavam: status, estado civil, identidade étnica, região geográfica, religião, classe social, status dentro da própria comunidade e até detalhes sobre a vida pessoal do indivíduo.

Alguns penteados podiam ser usados para atrair pessoas do outro sexo, isso justifica o fato em que algumas comunidades, as mulheres viúvas andavam com os cabelos despenteados para não despertar o interesse masculino, durante o período de luto. O cabelo despenteado também podia significar que a mulher estava deprimida, “perdido” a moral ou que era insana.

“O significado social do cabelo era uma riqueza para o africano. Dessa forma, os aspectos estéticos assumiam um lugar de importância na vida cultural das diferentes etnias”. (GOMES, 2003, P: 82)

Existem penteados, para diversos tipos de acontecimentos sociais para o casamento é utilizado o penteado conhecido como koju soko, que significa, olhar para o marido, este penteado é utilizado para casamentos, várias tranças se iniciam umas no alto da testa e outras na nuca. Também existem penteados utilizados em ocasiões fúnebres, o kolese, consiste em duas tranças feitas nas laterais da cabeça.

A cabeça raspada também participa da estética dos penteados africanos. Assumindo geralmente significado religioso, representa ritos de

passagens. Indica transformação, quando o indivíduo ocupa um novo papel na sociedade. Para esta etapa é realizado um rigoroso cerimonial de raspagem.

Segundo Lody, “o espaço da cabeça se destaca no candomblé-modelo socioreligioso de valor patrimonial de povos da África ocidental, em especial o Golfo de Berlim.

Perguntada na entrevista, sobre o significado da feitura do santo, M.C., praticante do Candomblé respondeu:

Bem, a cabeça sempre foi muito importante pra mim, eu identifiquei de cara com o que eu precisava, na minha sacerdotisa, confiava demais nela. Eu sentia o processo de mudança. Foi bom, um mergulho nas raízes ancestrais. Renascimento literal.
(M.C, administradora, 35 anos)

Como narra Raul Lody, a sensação da entrevistada, tem um motivo central: o axé. O axé entre os lorubás, é o poder vital, a força, a energia, de cada ser e de cada coisa.

Todas as práticas renovadoras do axé são centralizadas na cabeça. Também nela estão determinados os locais que remetem os princípios geradores e ancestrais. A cabeça é mimese do mundo simbolizado, onde estão os elementos da natureza e, depois de fixados, os princípios geradores do axé do corpo individual que, conjugado com o eu coletivo do terreiro, ampliarão cada vez mais os vínculos sagrados, éticos, morais sociais e culturais do indivíduo com o grupo. (LODY, 2004, P: 69)

O sagrado sempre esteve presente na relação com o cabelo do negro africano, mantendo preservada a memória e fazendo a sua história ficar cada vez mais viva, passando por gerações. O círculo não pára, é uma tradição passada de pai para filho.

As memórias presentes na cultura do afrodescendente são muito ricas. Histórias, danças, costumes, religiões, que fazem a África continuar além do território Africano, e também reinventar a África aqui no Brasil.

“Ao lado das culturas nativas, a cultura africana é especialmente importante na história dos países que foram escravocratas. É preciso considerar a influência africana nos conceitos estéticos dos colonizadores e a participação da cultura na formação da identidade dessas civilizações.” (LODY, 2004, P:19)

2. CABELO DE ONTEM

Na década de 60, a empresa Fuller Products Company, fatura mais de 10 milhões de dólares, no lançamento de produtos que prometem “embranquecer” a população negra. A empresa afirmava que a proposta da criação destes produtos era acabar com a discriminação. Nesta mesma época surge o movimento “*Black is Beautiful*”. O movimento foi lançado a partir de lutas civis nos Estados Unidos e difundidos para o mundo, atuando na elevação da auto-estima negra e fazendo política através deste orgulho.

Os negros que trabalhavam neste movimento, visando criticar, desafiar e alterar o racismo sinalizavam a obsessão dos negros com o cabelo liso com reflexo da mentalidade colonizada.

A população saiu às ruas, com os cabelos Black Powers, trançados, ao natural, mostrando o orgulho de ser negro. Essa estética é um reflexo às origens diaspóricas como um dos principais movimentos de resistência à exclusão da população negra.

Como mostra Pinho (2001:1996), “o movimento virava do avesso a ordem simbólica dominante que tratava as características físicas dos negros como sinônimo de imperfeição da estética.”

O movimento chegou ao Brasil, inicialmente nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, e aos poucos tomando força no restante do país, criando um discurso afirmativo e de valorização dos padrões estéticos da população negra. Giovanni Semeraro narra com propriedade à força destes movimentos:

Quando as classes subjugadas se organizam, se apropriam da política e se educam para criar uma nova concepção de hegemonia, baseada na condução democrática e popular do poder, ocorre uma revolução ético-política na sociedade. (SEMERARO, 2006: p.32)

O cabelo do negro deve ser usado como forma de cultura de resistência, contra a imposição do padrão de beleza branco. Apresentando aos negros que o ideal é um cabelo liso, embora a realidade da população brasileira seja negra.

“Lembro, desta época, em que abolimos o pente quente, que deixava o cabelo sempre cheirando queimado, e também misturava o cheiro de óleo de cozinha, que usávamos para alisar. Quando o “Black Power”, ficou na moda, pegamos os nossos pentes garfo, e deixávamos os cabelos bem altos, minhas amigas brancas, pediam para pegar, e se impressionavam com a textura, pois achavam que os negros tinham “cabelo duro”, mas na realidade eram macios. Íamos para o clube 28 de Setembro¹ e lá havia esta valorização do negro, era muito bom”.

(E.D.F, Aposentada, 58 anos)

Em pesquisa nas lojas de cosméticos, 70% dos produtos destinados para cabelos crespos e muito crespos, usavam de estratégia de comunicação, denominações como produtos para domar seus cabelos, produtos destinados a cabelos rebeldes. Usando os meios de comunicação hegemônicos para difundir a imagem, ligada ao cabelo afro, como cabelo pixaim, cabelo “ruim”, cabelo duro, bombрил, ninho de passarinho. Entre outras formas.

3. A TRANÇA: Penteado fundamental na identidade da criança negra

O ato de trançar os cabelos marca a infância da criança negra, pois, é neste momento que as mães reúnem seus filhos e trançam cuidadosamente os seus cabelos. Este ato é transmitido de geração para geração e o aprendizado da técnica é feito através da observação.

Observando a relação das crianças com este primeiro penteado, podemos analisar alguns fatos que marcam a criança até a sua vida adulta.

Em minhas pesquisas para realização deste artigo, 100% dos entrevistados, lembravam dos penteados realizados nesta época, alguns tinham recordações positivas:

Minha, mãe trabalhava, o dia inteiro, e quem cuidava do meu cabelo era a minha tia avó, que ficava comigo durante o dia, quando minha mãe chegava do trabalho, eu estava toda cheia de tranças raiz.

(A.C, 27 anos, estudante)

Minha avó fazia trancinhas soltinhas eu adorava!

(L.L, 32 anos, psicóloga)

¹ Clube 28 de Setembro, foi um clube tradicional da população negra Sorocabana.

Para outros, as tranças foram consideradas um penteado dolorido, demorado, e alguns achavam que mesmo depois de todo este esforço o penteado não ficava bonito, pois o bonito era ter cabelos lisos.

Eu odiava quando minha mãe fazia trancinhas no meu cabelo era muito dolorido, parecia que meu cérebro ia sair junto, eu era criança e a lembrança que tenho de minha mãe fazendo tranças, sempre foi de muita dor, tinha que ficar sentada por horas, com movimentos limitados, e quando as tranças paravam de doer, chegava a hora de destrançar e trançar, tudo novamente.
(D.S, 30 anos, Pedagoga)

O penteado realizado na infância pode ser analisado sob dois aspectos, o primeiro constitui o ato de trançar os cabelos como afirmação positiva da própria identidade negra, desta forma conscientizando a criança negra das suas origens, e em um segundo plano a trança também podem tornar-se um objeto de repúdio pelas crianças, devido aos processos apresentados acima, e também a negativa do cabelo perante o período em que as crianças entram para a vida letiva.

Analisando este processo de valorização da criança negra, destaco o ambiente familiar, já que muitas vezes o preconceito acontece dentro da própria casa, onde brotam os termos pejorativos em relação ao cabelo. As afirmações vêm dos familiares mais próximos, com frases como: Sua irmã tem cabelo “bom”, vamos pentear este cabelo pixaim, entre outras frases que diminuem a auto estima da criança negra, no próprio ambiente familiar.

Outro fator que constitui o processo de afirmação identitária da criança é a relação escolar, pois, é neste momento, que a criança sai do círculo que constitui família e amigos, para relacionar-se com outras crianças.

Uma coisa que foi muito marcante em minha infância, em relação ao meu cabelo, foi na 3ª série, um dia a trança que minha mãe fez no meu cabelo soltou e ficou pra cima, um dos alunos fez o comentário que eu estava com chifrinho aleijado e sala inteira deu risada de mim, a professora, sem saber o que fazer falou para eles pararem de dar risada e com uma caneta tentava arrumar o meu cabelo.
(A.F. 28 anos, Analista de Marketing)

Como meu cabelo é ondulado, e não crespo, era comum as pessoas me dizerem que eu tinha "cabelo bom" (apesar de ser negro). Certa vez, na sexta ou sétima série, uma criança tirou o meu boné, e meu cabelo estava despenteado. Pedi o boné de volta e ele não me deu. A professora nada fez. Todas as outras crianças riram do meu cabelo

despenteado. Neste momento eu tirei a minha camisa e amarrei na minha cabeça. A professora pediu para eu colocar a camiseta, porque não poderia ficar sem camisa na sala de aula. Eu disse que só colocaria a camisa se me devolvessem o boné. Situações como essa, que causam constrangimento à criança aconteceram sempre nesta fase da infância.

(J.E.N., 29 anos, Professor Universitário)

Segundo Ferreira:

A escola propaga aspectos legitimadores de dominação branca e de destruição de uma consciência negra, negando o direito à diferença e, o que é mais grave, como as crianças, tanto brancas, quanto negras, já têm estes aspectos internalizados.

FERREIRA, 2004, PG:71)

No livro “Cabelo Bom. Cabelo Ruim” a autora Rosangela Malachias, aborda a temática cabelo no meio escolar, visto que, há uma classificação das pessoas segundo o padrão estético. A autora aborda o despreparo dos professores, que até mesmo criam rótulos para os alunos e desconhecem a Lei 10.639/03 (Lei de Implantação de estudo da História da África e da Cultura Afro-Brasileira). Professores com estas posturas criam nos alunos a interiorização de estereótipos de forma inconsciente.

Estes processos geram frutos, que poderão ser colhidos na adolescência. Após a realização das tranças na infância, juntamente com as experiências negativas ou positivas, na escola e no ambiente escolar, a criança pode transformar-se em um adolescente cujas raízes negras serão preservadas, ou passarão pelo segundo processo: o alisamento.

Os métodos de alisamento que marcaram a população negra mais antiga foram realizados através do uso do Henê, que era uma pasta para alisar os cabelos a base de metais pesados, principalmente o chumbo, o que lhe atribuía um odor característico e também o pente de ferro, que era aquecido e passado no cabelo para realizar o processo de alisamento. Geralmente os dois processos eram utilizados em conjunto. Atualmente os métodos mais comuns de alisamentos são realizados através de produtos químicos, a base de guanidina, sódio, formol e chapinhas, alcançando assim o ideal branco imposto pela sociedade.

Muitos dos entrevistados tiveram que passar por um processo de mudança nos cabelos para assumirem mais responsabilidades nas empresas, incluindo órgãos públicos.

Quando eu usava dread nos cabelos, eu ficava apenas realizando trabalhos internos, depois que cortei o cabelo, eles (a empresa) me deram mais responsabilidades e faço atendimento aos clientes externos.

(M.M, 25 anos, Analista de TI)

Quando cortei e alisei meu cabelo, as pessoas falaram que eu fiquei com “cara” de mais profissional

(L.L, 30 anos, Psicóloga)

Stuart Hall nos narra claramente, este processo que o negro passa na busca da sua identidade:

[...] quanto mais a vida se torna mediada pelo mercado global de estilo, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mas as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas- de tempo, lugares, história e tradições específicos e parecem “flutuar” livremente. (HALL, 2003, p:75)

4. O PAPEL DA TRANÇADEIRA

A trançadeira exerce, portanto, um papel fundamental na formação da identidade do negro.

Cuidar dos cabelos é antes de tudo, cuidar da cabeça, um espaço profundamente simbólico. É, por extensão, cuidar da pessoa. Pentear os cabelos é um momento ritualizado de vivenciar todo o que a cabeça representa para a pessoa e para seu grupo.

(LODY, 2004, p:100)

O ato de tocar a cabeça do outro é muito significativo, o cabelo traduzido como signo de identidade cultural, permite e coloca negros e negras no centro de seu processo histórico.

Este primeiro penteado tem início na figura da mãe, das tias ou das irmãs mais velha, como afirma Nilma Lino:

“O uso das tranças pelos negros, além de carregar toda uma simbologia originada de uma matriz africana ressignificada no Brasil, é, também, um dos primeiros penteados usados pela negra e privilegiados pela família. Fazer as tranças, na infância constitui um verdadeiro ritual para esta família. Elaborar tranças é uma tarefa apreendida e desenvolvida pelas mulheres negras.”

(GOMES, 2003: P.171)

Pentear os cabelos para o povo iorubás e fon/ewe é uma tarefa familiar feminina, assim como, as atividades de cozinhar, limpar a casa e lavar a roupa.

Criar penteados é uma forma de retomar histórias e memórias pessoais e outras de significado mitológicas, unindo assim, o sagrado ao cotidiano.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: O cabelo de hoje

Tratar do tema cabelo foi trabalhar a história da África, tanto da África ancestral, quanto da África ressignificada no Brasil.

Ao iniciar o processo de pesquisa, descobri que a frase utilizada por muitos dos negros entrevistados, que afirmavam que o cabelo alisado é mais fácil de cuidar, está equivocada. A raiz do negro não tem que ser alisada, mas sim preservada como memória, tradição e ancestralidade.

A trança ocupa um papel fundamental neste processo, pois é o primeiro penteado realizado na criança negra, é o penteado, que mais reafirma os valores e costumes da população negra, pois trata o cabelo como uma continuação, afirmando o processo africano da circularidade.

A valorização do padrão de beleza da criança negra deve iniciar quando criança, e ser estimuladas, por pais, parentes e educadores, os mesmos devem pontuar as diferenças e mostrar que todos são belos com as particularidades de suas etnias. Os educadores devem fazer uso da Lei 10.639/03, e elaborar projetos para conscientização das crianças sobre os tipos distintos de beleza. Pois, é desde criança, que formada à sua auto afirmação como negro.

Pude constatar que em algumas cidades já estão construindo ambientes que fortalecem e enaltecem a beleza do negro.

Alguns projetos estão trabalhando com força, e criando laços de resistência para a população negra, o Projeto Trançando Idéias do Rio de Janeiro, é um exemplo, que reúne as trançadeiras e cataloga por região, enaltecendo além dos adeptos a estes penteados, as grandes “mães” dos penteados.

Não existe o “cabelo ruim”. Os indivíduos cedem a estas manipulações na tentativa de emoldurar-se no perfil ditado pela sociedade, e utilizando artifícios para tentarem se enquadrar a estes moldes, como chapinha, alisamentos, escovas progressivas, entre outros processos que transformam a fibra capilar.

Segundo Lody (2007, p:43), “cabelos são memoráveis distintivos de identidade étnica, inclusão social e, especialmente, de revelação da luta pela liberdade, pelos direitos iguais e de cidadania”.

A trançadeiras são as mãos de sabedoria, conectadas com a relação dos negros e tudo que foi vivido pelos seus ancestrais. As trançadeiras são *Griôs*, guardiãs das memórias africanas, na palma das suas mãos.

BIBLIOGRAFIA:

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro-descendência; Identidade em construção**. São Paulo: EDUC, Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

GOMES, Nilma Lino, Nota do artigo: **Cultura Negra e Educação**. Revista Brasileira e educação. Agosto, 2003

GOMES, Nilma Lino, **Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Minas Gerais. Autêntica, 2006.

HALL, Stuartt. **A identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro. DP&A, 2003.

HALL, Stuart. **Da Diáspora. Identidades e Medições culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

LODY, Raul. **Cabelos de Axé: Identidade e Resistência**. Rio de Janeiro: Editora SENAC Nacional, 2004.

MALACHIAS, Rosangela. **Cabelo bom. Cabelo ruim**. Coleção percepções da diferença. Negros e brancos na escola. Vol.4, São Paulo: NEINB, 2007

NASCIMENTO: Elisa Larkin. **Introdução à historia da África**. CEAD,2006.

SANTOS, Jocélio Teles. **O negro no espelho: imagens e discursos nos salões de beleza étnicos**. Estudos afro-asiáticos nº38. Rio de Janeiro. Dezembro, 2000

SEMERARO, Giovanni. **Gramsci e os novos embates da filosofia da práxis**. São Paulo: Idéias e Letras, 2006.